



NEGRASREFERENCIAS EM DANÇA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA DE UM ESTUDO DAS RELAÇÕES ÉTNICAS

ARIANNA RAMOS DOS SANTOS¹

MARISE DE SANTANA²

O presente trabalho tem como objetivo investigar as relações entre diferentes etnicidades numa perspectiva afro referenciada, com as Negrasreferências em dança em um estudo e pesquisa em dança. Com isso, utilizando a categoria negrasreferenciadas ancorado nos estudos de Leda Maria Martins, buscaremos neste trabalho abordar como se deu o entendimento e concepção dessa noção, apresentando também a trajetória e experiências de dois processos em dança que possibilitou as participantes a compreensão e o despertar de uma pertença racial, de uma consciência étnica e referenciada.

Palavras chaves: Etnicidades, Negrasreferências, Relações Étnicas, Dança.

INTRODUÇÃO

Reconhecer na própria história bases para a construção de conhecimentos e afirmação identitária, foi o pontapé inicial para a elaboração de algo que poderia ser representado em uma junção de duas palavras distintas, mas que juntas tornaram-se um potente provocador de

¹ Mulher Negra, Candomblecista, Professora, Coreógrafa, Pesquisadora e Artista. Graduada em Licenciatura em Dança pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) Mestranda em Relações Étnicas e Contemporaneidade - PPGREC. Email: ariannaramos823@gmail.com

² Graduação em Pedagogia pela Faculdade de Educação da Bahia Olga Meting. Concluiu mestrado em pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Doutorado na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. É professora nível Pleno da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Professora do quadro permanente do Programa Stricto Sensu em Relações Étnicas e Contemporaneidade e do Curso de Pós Graduação em Antropologia Com Ênfase em Culturas Afro-brasileiras do ODEERE/UESB. Na UEFS- Universidade Estadual de Feira de Santana é Professora do Programa de Pós Graduação Stricto Sensu em "Desenho, Cultura e Interatividade". Email: nabia1960@gmail.com



aprendizados. Negrasreferências é uma ideia que se configura em um olhar afetivo e educativo para história de vida pessoal, com destino a construção de sua própria dança, tal como reafirmar a identidade étnica como processos de identificação, a etnicidade a partir das inter-relações e o despertar de uma consciência racial a partir de todos esses elementos com a linguagem da dança.

Partindo desse princípio, os estudos presentes nessa busca metodológica para o se pensar, fazer, e criar dança em meio às multiculturalidades, subjetividades e contextos, é descoberto as implicações, os encadeamentos das relações nos espaços de educação, sejam eles acadêmicos, escolares e não formais. Sendo assim, nessa construção é possível perceber como é desafiador a busca de estratégias de ensino para os processos educativos, e técnicas que não desconsiderem as vivências dos sujeitos, facilitando também no processo de autorreconhecimento e da aceitação de suas raízes.

DESENVOLVIMENTO

Contextualizando sobre essa noção é importante mencionar que ela emerge das leituras e abordagens da grande poeta e dramaturga brasileira Leda Maria Martins sobre o conceito de Encruzilhadas (1997), e também dos estudos do professor e pesquisador Jarbas Ramos sobre Corpo-encruzilhada (2017). Esse contato e diálogo com os estudos de Leda Maria Martins sobre Encruzilhadas (1997), que em suas pesquisas define esse conceito como:

A encruzilhada, locus tangencial, é aqui assinalada como instância simbólica e metonímica, da qual se processam via diversas de elaborações discursivas, motivadas pelos próprios discursos que a coabitam. Da esfera do rito e, portanto, da performance, é o lugar radial de centramento e descentramento, interseções, influências e divergências, fusões e rupturas, multiplicidade e convergências, unidade e pluralidade, origem e disseminação. Operadora de linguagens e de discursos, a encruzilhada, como um lugar terceiro, é geratriz de produção, as noções de sujeito híbrido, mestiço e liminar,

"ETNICIDADES, EDUCAÇÃO E DIREITOS HUMANOS: OLHARES PARA DIFERENTES TERRITÓRIOS"

XIX SEMANA DE EDUCAÇÃO DA PERTENÇA AFRO-BRASILEIRA

VI COLÓQUIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICAS

VI ENCONTRO DE RELIGIÕES DE MATRIZ AFRICANA

VI FÓRUM DE EDUCAÇÃO: LEIS 10.639/03 E 11.645/08, GÊNERO E DIVERSIDADE SEXUAL.

VI ENCONTRO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICAS

I FESTIVAL DAS ARTES: ANCESTRALIDADES EM MOVIMENTO

CANTINHO DO GRIÔ



articulado pela crítica pós-colonial, podem ser pensadas como indicativas de efeitos de processos e cruzamentos discursivos diversos, intertextuais e interculturais (MARTINS, 1997, p. 28).

Com essa definição seus estudos fundamentaram e potencializaram a concepção dessa nova noção, já que pode-se perceber que com esse entendimento sobre encruzilhada ser para além de um lugar de cruzamento de vias, ele é um lugar de encontros e influências, sendo assim, uma potência para construção de saberes. Posto isso, é compreendendo e definindo as negrasreferências como um lugar em que o corpo será sempre o primeiro passo a ser dado e observado na dança, pois ele resulta de uma encruzilhada de experiências, e é nesses lugares que será encontrado as respostas para perguntas e ao mesmo tempo irá levar a outras questões cuja essas respostas serão encontradas a cada passo dessas danças e investigações infinitas.

Assim como os estudos de Martins (1997), as investigações e propostas de Jarbas Ramos (2017) que entende a concepção de encruzilhada como tempo-espço espiralado, e assim ele define pontuando que:

Conceitualmente, o corpo-encruzilhada é um corpo-espço atravessado, entrecruzado pelos elementos e saberes-fazeres que compõem o universo em que ele se encontra. Carrega uma noção de tempo-espço espiralado, curvilíneo, que aponta uma gnosis em um movimento de eterno retorno, não ao ponto inicial, mas às reminiscências de um passado sagrado, para o fortalecimento do presente e o deslumbramento do futuro. (RAMOS, 2017. p. 297).

Partindo desses dois conceitos e direcionando para os estudos em dança, foi pensado nessa ideia de negrasreferências como uma ação provocadora, com potencialidade reflexiva e produtora de conhecimento com a dança.

DANÇA E ETNICIDADE: A DIVERSIDADE COMO PROCESSO DE SOCIALIZAÇÃO EM PROCESSOS CRIATIVOS

Falar sobre dança é também falar de diferentes corpos, costumes, jeitos,



tempos, englobando também identidades e diversidades. Assim, é possível compreender que existem a multiplicidade de repertórios, saberes corporais e culturais que precisam ser valorizados até mesmo na construção de uma sequência coreográfica, um processo criativo, ou numa pequena sequência de movimentos. Entendendo isso, é prático ir em busca de possibilidades para se fazer, criar dança, pois existe o respeito aquele corpo que dança aquela dança, o respeito às limitações de cada sujeito, tal como o respeito a história que compõe esse corpo dançante.

Pensando em um estudo com referenciais negros e nas experiências para consideração de um estudo que reconhecesse também a importância de desenvolver processos em que as relações étnicas fossem pautas para os estudos e investigações em alguns processos em dança. Neste estudo, os autores e autoras que fundamentam essa investigação buscam conhecimento na perspectiva afro-referenciada, pautadas nos estudos étnicos. Para isso, no livro “Experiências étnico-culturais para a formação de professores”, Nilma Lino Gomes e Petronilha B. Gonçalves e Silva (2015), apresentam sobre o desafio da diversidade mediante a realidade cultural da educação, sinalizando que “[...] pensar a diversidade étnico-cultural na formação de professores/as implica dar destaque aos sujeitos e suas vivências nos processos históricos e socioculturais que acontecem dentro e fora da escola.” (GOMES, SILVA, 2015, p.21).

As relações que estabelecemos contribuem como um grande fator de aprendizados, e partindo da compreensão do conceito de tempo espiralar de Martins (2003), que apresenta a ideia de tempo espiralar argumentando que “é uma ideia de sincronidade de passado, presente e futuro”, o estudo dessa autora motiva a pensar em um tempo contínuo, onde se analisa, reflete e analisa as experiências, permitindo a potencialização das identidades, e de suas histórias também nos processos em dança. Apresentamos dois processos de criação em dança realizados nas disciplinas de estágio supervisionados no curso de Licenciatura em Dança pela universidade que foram fundamentais

"ETNICIDADES, EDUCAÇÃO E DIREITOS HUMANOS: OLHARES PARA DIFERENTES TERRITÓRIOS"

XIX SEMANA DE EDUCAÇÃO DA PERTENÇA AFRO-BRASILEIRA
VI COLÓQUIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICAS
VI ENCONTRO DE RELIGIÕES DE MATRIZ AFRICANA

VI FÓRUM DE EDUCAÇÃO: LEIS 10.639/03 E 11.645/08, GÊNERO E DIVERSIDADE SEXUAL.
VI ENCONTRO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICAS
I FESTIVAL DAS ARTES: ANCESTRALIDADES EM MOVIMENTO
CANTINHO DO GRIÔ

para compreender o corpo na dança, dando pistas para construção de pedagogias que tornem possíveis a valorização das individualidades e etnicidades com a dança.

"Teu eu em Mim" e "Abayomi", foram processos de dança que deram gatilhos que possibilitaram a continuidade do estudo das negrasreferências, fortalecendo o potencial criativo das pessoas envolvidas e da investigação dos estudos para educação das relações entre diferentes etnicidades.

Imagem 1 e 2: Flyer de divulgação e ensaio no local de gravação



Fonte: Acervo pessoal - 2020.

O processo "Teu Eu em Mim³", foi regado à conexão de memórias, histórias e herança ancestral. Três mulheres negras que se encontraram nos elementos da natureza, nas inspirações de outras mulheres, histórias e experiências pessoais para compreenderem o seu interior. Ao acessarem e se conectarem com suas memórias, notaram a potência de suas identidades e de suas trajetórias para compreensão de si e das relações com o próximo para a ideia de coletividade, contato e socialização. "Fogo, terra e ar: a dança como pulso incessante de nossas raízes", essa foi uma das frases após uma das oficinas ter como tema os elementos da natureza, utilizado como possibilidades para atravessamentos e provocações durante o processo.

³ Link para acesso do resultado final no YouTube: https://youtu.be/OkETJ3CdtLQ?si=dLgpjX2kUc9_S5Kg

"ETNICIDADES, EDUCAÇÃO E DIREITOS HUMANOS: OLHARES PARA DIFERENTES TERRITÓRIOS"

XIX SEMANA DE EDUCAÇÃO DA PERTENÇA AFRO-BRASILEIRA
VI COLÓQUIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICAS
VI ENCONTRO DE RELIGIÕES DE MATRIZ AFRICANA

VI FÓRUM DE EDUCAÇÃO: LEIS 10.639/03 E 11.645/08, GÊNERO E DIVERSIDADE SEXUAL.
VI ENCONTRO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICAS
I FESTIVAL DAS ARTES: ANCESTRALIDADES EM MOVIMENTO
CANTINHO DO GRIÔ



Os caminhos metodológicos partiram de uma proposta de organização de um quadro de ação, onde eram apresentados as observações, objetivos, detalhes das atividades e relatos diários, de cada encontro realizado com as participantes. Contudo, essa criação artística possibilitou um mergulho ancestral que esteve presente não só nos movimentos, mas em toda a dramaturgia da cena, em seus elementos como o espaço, figurino, acessórios, música e em todo ambiente.

Imagens 3 e 4: Flyer de divulgação e Registro de um dos encontros.



Fonte: Acervo pessoal - 2021.

O outro processo criativo foi o "Abayomi⁴, procuram-se bonecas pretas: o enaltecimento da estética negra no estudo das relações étnico-raciais na educação infantil", desenvolvido com quatro crianças/meninas negras. Foi uma investigação que partiu de um projeto chamado "ITAN -ITAN: uma pedagogia para as relações étnico-raciais na educação infantil no processo criativo em dança", produzido em uma docência compartilhada, que visava pesquisar como as relações étnico-raciais poderiam ser tratadas a partir da contação de histórias na educação, trabalhando a imaginação infantil, e a valorização da autoestima da identidade negra.

As práticas desenvolvidas e exploradas foram realizadas com propostas

⁴ Link para acesso do vídeo no YouTube: https://youtu.be/_0wkdE_lHQ?si=Kmk3qZobRgsD7Dgp



e experimentações em grupos e individuais, com estímulos para as investigações a partir das dinâmicas e jogos utilizados como estratégias para pesquisa de movimentos, utilizando também práticas expositivas como: vídeos e documentários. E configurando em um ato de resistência e que influencia positivamente na construção e reafirmação de identidades, a contação de histórias foi um grande estimulador para criação das cenas, pois reconhecemos que mesmo com as diversas atualizações em nossa contemporaneidade, ela ainda é presente em espaços de socialização como nas escolas e especialmente no âmbito familiar, local onde ouvimos, aprendemos e conhecemos nossas primeiras histórias. A professora e pesquisadora Vânia Oliveira (2016), pontua o seguinte entendimento quando se fala de criar dança a partir, de histórias e diferenças:

Pensar a dança a partir das diferenças é ampliar as possibilidades de conceitos que podem ser atribuídos a ela saindo do virtuosismo e do acúmulo de habilidades técnicas corporais, dando espaço à “escuta” do corpo, suas sensações e seus contextos. Compreendo que estes fatores também constroem o movimento, possibilitando um autoconhecimento e uma pertença de si mesmo que irá reverberar no seu modo de pensar, agir e estar na sociedade (OLIVEIRA, 2016, p. 88).

Foi percebido que pensar em uma pedagogia para as relações étnico-raciais na educação infantil no processo criativo em dança, tendo em vista a utilização de literaturas negras infantis, que contemplasse as questões raciais, propuseram um fortalecimento de recursos pedagógicos, um estudo mais crítico, sensível, reflexivo e construtivo, na investigação e ampliação de movimentos corporais e de conhecimentos pessoais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante disso, e em vista de que foi discutido e apresentado sobre como pode ser trabalhado as relações étnicas com a dança, e como as negrasreferências utilizadas como processo para investigar esses objetivos podem contribuir nesses elementos.



Percebe-se que faz necessário levarmos em consideração esses aspectos seguindo as bases de uma perspectiva com referenciais negros e suas pesquisas, para entendermos em como as experiências e as maneiras de acessos as memórias corporais e culturais negras ajudam num aprendizado de sua cultura, da sua comunidade, da sua história e da compreensão das múltiplas etnicidades que integra toda a humanidade. Como bem nos asseguram os autores, ao pontuar que os variados grupos em seus contextos, a partir de seus contatos ajudam na construção de diferentes estilos de danças de acordo com suas afirmações e pertencimento na atualidade.

REFERÊNCIAS

GOMES Nilma L; SILVA, Petronilha B. **O desafio da diversidade.** In. Experiências étnico-culturais para a formação de professores/ Organizado por Nilma Lino Gomes e Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva -3. ed. 1. reimp. - Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

MARTINS, Leda Maria. **Afrografias da memória:** o reinado do rosário do jatobá. São Paulo: Perspectiva, 1997.

MARTINS, Leda Maria. Instituto Hemisférico de Performance e Política, produtor; NYU TV and. Média, cinegrafista. **Performance do tempo espiralar.** 2003. Disponível em: <https://hemisphericinstitute.org/pt/hidvl-presentations/hidvl-presentations1/enc2003-leda-martins1.htm>.

OLIVEIRA, Vânia Silva. **Ara-Ítan:** a dança de uma rainha, de um carnaval e de uma mulher. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal da Bahia, Escola de Dança da UFBA. Salvador -BA, 2016.

Permínio de Queiroz Souza, J. Jesus de Santana, J. V. de Santana, M., & Souza Pinto, D. C. (2021). **Corpo, dança e etnicidade:** um estudo sobre o grupo de dança GEPA em Ilhéus-ba. *South American Journal of Basic Education, Technical and Technological*, 8(1), 435–459. Recuperado de <https://periodicos.ufac.br/index.php/SAJEBTT/article/view/4320> .

RAMOS, Jarbas Siqueira. **O corpo-encruzilhada como experiência performativa no ritual congadeiro.** In: Revista Brasileira de Estudos da Presença. v. 7, nº 2, 2017. p. 296-315.